

“Na contramão dos mitos fundacionais”

Profa. Dra. Berta Waldman (USP)

Resumo:

O último romance de A.B.Yehoshua Esh Iedidutit (2007) (em português “Fogo amigo” - ainda sem tradução) apresenta uma história aparentemente simples dividida em dois planos e dois espaços geográficos (Israel e Tanzânia) que, concomitantes, trazem à tona problemas que apontam uma crise na narrativa tradicional defendida durante anos pelo Estado de Israel e seus cronistas. Para dar visibilidade a essa crise, o autor trabalha com mais um eixo estrutural - a intertextualidade - criando uma dialogia obrigatória entre um texto presente e os livros dos profetas da Bíblia hebraica.

Palavras chave: sionismo, pós sionismo, intertextualidade, Estado de Israel

Na década de 90 do século XX começa a despontar na cena acadêmica e cultural israelense o trabalho dos chamados “novos historiadores”, os acadêmicos e intelectuais do país que passam a questionar a narrativa tradicional defendida durante anos pelo Estado e seus cronistas. Essa narrativa tornou-se um componente essencial no processo de construção da identidade nacional israelense e como tal foi reproduzida em livros de história, estendendo-se pelo sistema educativo e pelos meios de comunicação desde a criação do Estado de Israel em 1948. Trata-se de uma história de salvação e heroísmo protagonizada por figuras cujas motivações e moralidade eram inquestionáveis. Como é através do repertório de narrativas do passado que a coletividade nacional se auto-define, a reavaliação desse repertório gerou, com certeza, um sentimento de crise de identidade e de indignação sem precedentes.¹

Embrenhado no experimentalismo estético e no desnudamento de uma crise emergente da identidade israelense advinda do colapso do ideário pioneiro do Sionismo, A.B.Yehoshua, em seu último romance, *Êsh Iedidutit*², radicaliza seu ponto de vista, ao romper com a ideologia dominante a partir de uma certa exterioridade, uma posição de fora do Estado de Israel.

Nesse romance, um narrador em terceira pessoa conta uma história dividida grosso modo em dois planos: um se passa em Israel, o outro na Tanzânia, África. Esses planos se alternam em flashes, e caberá ao leitor fazer a costura do enredo, preenchendo suas lacunas. Os planos focalizam dois núcleos, cuja origem está numa mesma família desdobrada a partir das irmãs Daniela e Shuli, casadas respectivamente com Amotz e com Yermياهو. O primeiro casal vive em Israel e o segundo mudou-se para a África, por exigência do trabalho de Yermi. No início do romance Yermi está viúvo e Daniela viaja para a África para fazer o luto da irmã.

Os acontecimentos relatados ocorrem durante a semana de Hanuká, que é referida diferentes vezes no romance. A divisão em capítulos do romance é marcada por essa festa judaica, através da referência às velas acendidas no ritual de sua celebração. O primeiro capítulo, entretanto, salta a primeira vela e o romance começa com “Ner Sheni” (em português, “segunda vela”), indicando que ele não começa no começo, mas com o enredo em desenvolvimento. Ficam fora acontecimentos que transparecem apenas nos seus efeitos, participando assim da estruturação do entrecho. Essa noção de incompletude do romance passa a ser valorizada cada vez mais após o século XIX, por proporcionar ao leitor um vislumbre da vida e do pensamento em movimento. Os dois romances de

¹ Tom Seguev foi o primeiro em Israel a questionar publicamente e com ampla difusão os mitos que conformavam o imaginário coletivo israelense. Sua obra é de denúncia das distorções do pensamento político sionista. Cf. *The first israelis*. New York/London: The Free Press Collier Mac Millan Publishers, 1986.

² A.B.Yehoshua, *Êsh Iedidutit*. Tel Aviv, Hakibutz Hameuhad, 2007. (Não há tradução para o português)

Yehoshua aqui mencionados relacionam-se às formas de arte que evitam conclusões e inícios, mimetizando assim o caráter confuso e indefinido da vida.

Por outro lado, a enumeração dos capítulos faz uma referência direta ao Livro dos Macabeus, dois volumes não canônicos da Bíblia, considerados apócrifos pelos judeus. O primeiro volume começa com a perseguição de Antioco Epifanes, rei grego (175 a.C.), e vai até a morte de Simão (134ª.C), o último dos filhos de Matatias. Com o intuito de introduzir à força os costumes gregos para os judeus e helenizá-los, o rei grego dessacralizou o templo de Monte Sião, proibiu a leitura da Torá e a prática de ritos religiosos a fim de impor sua crença pagã. Como Jerusalém estava sob o domínio desse rei, aqueles que eram fiéis a Jeová foram perseguidos. Graças à revolta de Matatias, secundada por seus filhos- Judá, Jônatas e Simão, a liberdade religiosa é recuperada, o país se torna independente e o povo volta a gozar de paz e tranquilidade.

Por que a história dos Macabeus pontua o enredo do romance? Pode-se dizer que o tema do Livro dos Macabeus é a resistência; assumindo o ponto de vista dos irmãos guerreiros, narra-se o conflito entre estes e seus opressores gregos. A alusão a esse Livro, cria uma tensão dialógica, intertextual com o trecho do romance e convém lembrar que a designação de “dueto” aparece junto ao título, anunciando uma peça a duas vozes.

De um lado, os macabeus estão dispostos a dar suas vidas para resistir ao inimigo que pretende anulá-los enquanto judeus. De outro lado, o romance mostrará, de diferentes ângulos, um judaísmo em crise.

A linha patriarcal da família Yaari, que vive em Israel, compõe-se de quatro gerações: Yoel, já velho, preso a uma cadeira de rodas, cuidado por um casal de filipinos; seu filho Amotz casado com Daniela, empresário bem sucedido que projeta elevadores para edifícios e casas de luxo; o casal Amotz e Daniela tem uma filha solteira e um filho, que trabalha com o pai na empresa de projetos de elevadores e que, por sua vez, tem dois filhos. Um ramo dessa família por parte de Daniela vive na Tanzânia. Sua irmã, Shuli, foi casada com Yermiah, e desse casamento nasceram uma filha e um filho, sendo que este morreu por acidente; quando estava no exército, um tiro destinado a um árabe, o atinge por engano, daí o título do livro que em português seria *Fogo amigo*. Eyal, esse era seu nome, foi morto por engano pelos próprios soldados israelenses quando estava de tocaia no telhado de uma casa árabe para matar um terrorista. Depois de sua morte, morre Shuli, sua mãe.

A partir de uma personagem que perdeu o filho, perdeu a mulher e está no coração da África, portanto, destituído do país e da família, o romance apresenta o corte radical não apenas com o Sionismo, mas com o judaísmo como um todo. Na opinião de Yermi, é preciso recomeçar a vida a partir de parâmetros completamente distintos. Viúvo de mais de 70 anos, aposentado do Ministério do Exterior de Israel que encerrou sua carreira na Tanzânia e resolveu não mais voltar a Israel, Yermi assumiu a administração de uma equipe de arqueólogos e antropólogos africanos, financiados pela Unesco, que pesquisam na Tanzânia a origem do “Homo Sapiens”. Há uma ironia na inserção geográfica do personagem e uma sugestão de um provável desejo de recomeçar a humanidade a partir do coração da África, como se a história dos homens oferecesse reparação, uma segunda chance para o que não deu certo, podendo assim refazer um trajeto equivocado.

Para se aliviar dos cuidados com o sogro, Daniela propõe a vinda de um casal de filipinos para viver com ele e cuidar dele. Com o tempo, o casal (Francisco e Kinzi) que imigrou com um filho, teve outro nascido em Israel, e assim a família foi aumentando e tomando conta da casa. Amotz, em visita ao pai, sente com mais força a identidade dos caseiros. O filho mais velho – Hilário, menino de seis anos, vai à mesma escola freqüentada na infância por ele, recebe, inclusive, uma educação religiosa; dorme em seu antigo quarto, e é ele que, com uma quipá, acende a segunda vela de Hanuká na presença do velho, referido pelo narrador como ‘avô’, e de seu filho, que não se

sente confortável com essa ocupação de lugares e tenta impedir, ao menos, que o menino não-judeu use kipá.³

Uma simples transação comercial, a oferta de dinheiro em troca de prestação de serviços no cuidado do ancião, traz um casal de imigrantes para Israel. O casal forma uma família e passa a ter filhos que são educados no país, são falantes do hebraico e talvez se tornem mesmo religiosos, segundo os preceitos judaicos. Serão judeus os filhos nascidos em Israel? Terão os mesmos direitos que os israelenses ou se tornarão cidadãos de segunda, terceira categoria? A leva de imigrantes estrangeiros vindos ao país para garantir sua sobrevivência perfaz uma trajetória que os judeus, em seu tempo, fizeram em direção à América do Norte, do Sul e a outros continentes. Em seus países de chegada, reinvidicaram e foi-lhes concedida uma cidadania e novas identidades hifenizadas foram sendo construídas. Mas, em Israel, hoje, quem é judeu? Como lidar com os imigrantes que para lá se dirigem e criam raízes no país? Sabe-se que a idéia de estado-nação supõe uma unidade política, uma língua, um território e um povo. O caráter nacional constrói-se com base em fronteiras claras e delimitadas, enquanto a língua de um povo implica um passado, uma história e uma cultura comum e também os mesmos mitos de origem. Embora o hebraico seja a língua nacional do Estado, o multilingüismo convive em Israel (e não estão apenas em questão as múltiplas línguas judaicas), dada a quantidade de estrangeiros que não partilham um mesmo passado e criam um novo modo de estar no país. Assim, Yehoshua, através de uma situação particular apresentada no romance, põe o dedo numa ferida aberta da sociedade israelense. Um Estado nascido e formulado sobre base étnica - um estado judeu - não pode ser democrático, nem secular. Aqui o texto literário problematiza o que está implícito no conceito de Sionismo e aponta para uma questão em pauta nos estudos dos novos historiadores. A possibilidade de redefinir a identidade do Estado de Israel e convertê-lo em um estado não baseado na etnia, que seja democrático e secular, transformou-se em motor de um debate público.

Por outro lado, Amotz e o filho estão em Israel como poderiam estar em qualquer outro país. O conceito de nacionalismo não faz mais a moldura que contém suas escolhas e o rumo de suas vidas. Nem mesmo o exército, um dos pilares do Sionismo fundador do Estado de Israel, que encerrava valores e ideais compartilhados por todos os cidadãos, mantendo-se como um dos núcleos de identificação com o país, é levado a sério pelo filho, que se recusa a atender à convocação do exército, não tendo essa recusa nenhuma base ideológica.

Preocupado com a esposa que viajou para a Tanzânia para fazer o luto pela morte da irmã, Amotz quer obter notícias imediatas dela, mas o cunhado Yermiahu que lá vive, o previne que de lá seria difícil manter contato rápido. O contato será telefônico e não por internet e Yermi terá que fazer uma excursão com a cunhada Daniela e com a colega enfermeira sudanesa a Dar A Salam, nome cujo significado é igual ao de Jerusalém - morada da paz -, em busca de uma cabine telefônica adequada. A relação entre as duas cidades e os dois países aponta para uma nova categoria de desigualdade, para além do padrão que distingue o país rico do pobre, o desenvolvido do subdesenvolvido, acrescenta-se a inclusão e a exclusão digitais⁴. Yermiahu faz a passagem do país desenvolvido, incluído no mundo digital, para a Tanzânia, país pobre e excluído, na medida em que sua opção é a de permanecer na África e não voltar a Israel. Sua ruptura é de tal ordem que ele sequer pretende tomar conhecimento do que ocorre no país de origem. Queima os jornais, suplementos e revistas que Daniela lhe traz, além das velinhas de Hanuká que era para serem acendidas pelos dois. Ele quer uma trégua em relação àquele país.

³ *Êsh Iedidutit*, op. cit. P.46.

⁴ RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso*. São Paulo: Makron, 2004.

A propriedade, diz Rifkin, é cada vez menos importante do que ter acesso, do que estar incluído na tecnologia digital, pois a informação é, cada vez mais, a grande produtora de riquezas.

Seu vínculo com a Tanzânia coloca-o em confronto com o radicalmente outro. A sudanesa com quem trabalha perdeu toda a sua família em conflitos, fato que redimensiona em medida menor a sua perda da mulher e do filho. Além disso, ela tem uma religião que independe das raízes bíblicas, constituindo-se como o lugar onde não dá para partilhar nada, nem memória, nem credo, nem passado comum, nem idioma, pois ela usa o inglês para conversar com eles. Essa ida a Dar A Salam é significativa, e Daniela lembra ter feito no passado o mesmo percurso com a irmã Shuli. Ela quer refazer o trajeto da irmã, pois foi nessa região que esta sofreu uma crise e foi levada às pressas para um ambulatório, no qual não resistiu e morreu. Shuli, apesar da interdição do judaísmo em relação a essa prática, foi cremada pelo marido e levada numa caixa a Jerusalém, fato que subtraiu de Daniela o tempo necessário para prantear a irmã de corpo presente.

O romance demarca bem os papéis das personagens na saga familiar, mostrando-as em episódios alegres e tristes do dia a dia. Daniela é uma mulher dependente do marido, mimada, que trabalha como professora de inglês. Já o marido está preso a suas obrigações profissionais das quais gostaria de extrair apenas as vantagens; sua vontade é a de se esquivar dos problemas que lhe cabem resolver e das questões éticas que eles acarretam. Se se move alguma peça de lugar, os papéis sofrem alterações. Quando Daniela viaja e o filho é preso porque não atendeu à convocação do exército, Amotz é pego de surpresa e precisa ajudar a cuidar dos netos pequenos que demandam atenção e cuidados. Precisa também acudir o filho, levando-lhe roupas. Já a mulher, distanciada do marido, revive com o cunhado que a conhece desde a infância, o seu antigo modo de ser e de se comportar, passando a se inscrever em outro eixo identitário.

O romance conta uma história aparentemente simples. Mas nas entrelinhas pulsa uma ameaça que pode recair sobre todos, principalmente sobre a futura geração, cujo destino é incerto. Por que incerto? Porque a destruição é uma possibilidade, porque os conflitos no Oriente Médio prosseguem. Como sair de uma situação de confronto? Foi numa situação de confronto que Eyal filho de Yermiahu e Shuli, morreu. Foi morto por seus colegas que o tomaram à distância por um árabe procurado. Seu pai, Yermi, voltará a Israel para saber exatamente como se deu a morte do filho. E uma das moradoras da casa, em cujo telhado o filho estava de tocaia, contou-lhe que o rapaz descera para lavar o balde de dejetos que utilizara e também sua xícara de café. Em que medida os bons modos do rapaz interagem com o fato de ele estar invadindo a casa do inimigo constrangido a aceitar sua presença, em operações que são contra ele e o seu povo? Essa mesma moradora conta a Yermi que estava grávida e seu marido não conseguia voltar para casa. Sozinha e indefesa, ela queixa-se dos judeus que invadem seu espaço, sua comunidade, sua vida, mas são impermeáveis aos outros.

A morte de Eyal remete-nos ao episódio bíblico do Sacrifício de Isaac⁵. A diferença é que não foi o pai e sim o país que ofertou sua vida e Deus esqueceu de enviar um carneiro para substituí-lo. Se o alvo tivesse sido o árabe, ele seria pranteado? Seria justo o Sacrifício de Ismael? No livro, o destino dos judeus e dos árabes está unido e ambos são especulares, tanto que um morre pelo outro.

Anunciando uma situação de crise, os profetas bíblicos retornam nos nomes das personagens: Amotz⁶, Daniel(a)⁷, Yermiahu⁸, Dvora⁹, Yoel¹⁰ atuam como fios que conduzem o leitor ao texto

⁵ Cf. Genesis: 22. Um dos comentários de André Chouraqui a propósito do Sacrifício de Isaac traça uma extensão até o presente. Segundo o autor, seria lançar um olhar superficial sobre nosso universo contemporâneo dizer que os sacrifícios humanos desapareceram: “se os ídolos mudaram de nome, os sacrifícios ganharam uma dimensão maior. Em nome da nação, da raça, da classe, do estado e de uma multidão de divindades secundárias, os pais se prestam alegremente ao sacrifício, em massa, de seus filhos. Já se quis justamente explicar essa sucessão das guerras, de geração em geração, pela vontade dos pais de se livrar de seus filhos: falou-se, a respeito, de um “complexo de Avraham”. Se essa vontade de assassinio não existisse, profundamente enraizada em nós e motivada pelas mais obscuras razões, como poderíamos explicar a escandalosa persistência das guerras?” Ver André Chouraqui, *A Bíblia* Gênesis. [trad. Carlito Azevedo] Rio de Janeiro: Imago, 1995, pp. 215-216.

⁶ Cf., entre os Livros proféticos, Isaías (ben Amotz)

matricial judaico, no qual digladiam um deus possessivo e um povo obrigado à obediência, sempre na iminência do castigo de sua completa destruição.

Daniel foi levado menino de Israel para a Babilônia e depois para a Pérsia. Ele tenta fixar a data do final dos tempos, quando o sofrimento do povo judeu teria fim.

Isaias ben Amotz é o nome do profeta que, em seu livro, previne o povo dos castigos que os aguarda e também consola-o dos castigos que recebem, dando a entender que o castigo era maior do que o povo merecia. É nesse livro que aparece o conceito de “servo de Deus”, aquele que, apesar de ser castigado até sem merecer, tem como missão difundir o nome de Deus para o resto do mundo. Só quando essa missão for cumprida é que haverá paz.

Já Jeremias exerceu sua missão profética antes e durante a queda de Jerusalém. Sua principal mensagem foi que Jerusalém seria destruída como consequência de seus pecados.

Yoel, o segundo dos profetas menores, trata em seu livro da praga de gafanhotos e do dia em que Deus irá julgar os judeus e outros povos pecadores.

Dvora, esposa de Lapidot, era mulher de grande espírito e coragem, profetizou nos dias dos juizes e praticamente organizou a resistência contra as investidas religiosas, culturais e políticas dos cananeus em seus dias (Jz 4). Escolheu Barac para atacar Sísara, general do rei cananeu, Jabin.

Jeremias moderno - Yermi - debate-se e confirma sua posição enquanto dirige uma caminhoneta na companhia de Daniela perdido no meio da floresta Africana. Ele declara à cunhada que resolveu cortar os laços que o uniam ao Judaísmo e a Israel. Desencantado com o país e com a sina do povo judeu ele diz:

“... daqui a pouco eu me livro desta pele e viro um africano..”

e referindo-se à Bíblia:

“... e agora minha irmãzinha você não tem alternativa senão ouvir um resumo do que eu penso dos profetas e entenderá porque os trechos de poesia que deveriam causar admiração fizeram ferver meu sangue. Pessoas como nós, de formação secular e preguiçosas, que costumam reverenciar os valores proferidos pelos profetas, de fato não os leram”.

“Lembra de um versículo bonito para o qual compuseram uma música, e que trata de espadas que se transformaram em pás?

Atacam os religiosos em nome da moral dos profetas, referem-se à justiça universal, à coragem e ao não conformismo, sem verificar para onde nos leva esta coragem e o não conformismo. Porque se analisarem com cuidado, verão que tudo se repete e que todo tempo se bate na mesma tecla.

A quem pertence esta justiça? Quem a patrocina? Será esta a justiça universal ou somente do Deus de Israel, num pacote comercial de fidelidade?

E verificamos que esta justiça está ligada à fidelidade do povo a Deus e a raiva não advém de assuntos de viúva e órfão /.../, mas da traição a Deus, que na verdade é um marido louco, com ciúmes de uma mulher a quem ele se impôs no deserto e continua a seviciá-la sob suas ordens...”¹¹

“O grande drama social é inveja pura. Mas como a linguagem é exuberante e a retórica hipnotiza, não prestamos atenção ao conteúdo do texto.

⁷ Cf., entre os Livros proféticos, Daniel.

⁸ Cf., entre os Livros proféticos, Jeremias (Yermiahu).

⁹ Cf. Juízes 4.

¹⁰ Cf.entre os Livros proféticos, Joel (Yoel).

¹¹ Êsh Iedidutit, op.cit., pp 274-275.

“.../ nas entrelinhas e nas próprias linhas. Morte, destruição, diáspora, castigo e mais castigo, peste e fome. De fome come-se as crianças...”

“... isto nós mamamos desde nossa juventude, recebemos isto como comida de bebê e assim não é um milagre que nós todos estamos tensos frente à destruição que virá em nossos dias, e até mesmo sentimos falta dela e eis que ela já está aqui, pois já ouvimos informações sobre ela, lemos palavra por palavra numa língua esplêndida...”¹²

Yermi deplora o conteúdo do judaísmo, não aceita que o povo judeu seja o povo eleito e não vê perspectiva para o sonho do Sionismo que, entre outras tragédias, matou seu filho por engano e transformou sua esposa em uma mulher amarga e distante. E ele precisou estar fora para enxergar tudo isso. É deslocado de tudo que ele revela o que, a seu ver, a ideologia esconde e passa a profetizar em seu próprio nome, na contramão das palavras de seus ancestrais profetas e também na contramão das palavras de Deus.

Apesar de a destruição estar no horizonte do romance, alguma coisa nele se constrói, e a construção tem a ver com transformação, mudança. Daniela parte, sem o respaldo do marido, para o coração da África, em busca de um contato com a irmã morta. Ao procurar se aproximar do destino de sua irmã, Daniela aproxima-se também do cunhado e acaba por empreender uma viagem subjetiva. Assim como o romance de Joseph Conrad *O coração das trevas* (*Heart of Darkness*), este livro de Yehoshua viaja não só à profunda África negra, mas também aos profundos e negros recantos da mente humana.

Na África, continente implodido por razões políticas, por lutas tribais, dizimado por doenças, está a origem do homem. Continente apequenado no olhar das grandes potências contemporâneas, o narrador do livro destaca que “talvez valha a pena tornar à humanidade que se não se sabe para onde ela vai, sabe-se, ao menos, de onde se veio”¹³ e é importante valorizar a origem. Também em relação ao povo judeu se desconhece seu destino, mas não sua origem.

A posição de Yermi em relação ao judaísmo e ao Estado de Israel é tão categórica que ele recusa até mesmo partilhar de uma cena amorosa com a cunhada Daniela, pois ela é um elo que o religaria a Israel. Já as demais personagens movem-se de seus lugares na medida em que quebram o hábito, o lugar rígido que ocupam na família, instituição que ampara, mas também aprisiona.

Movendo-se pendularmente no livro, - as partes do relato são simétricas e alternadas - diversas e equivalentes. Israel e África marcam suas diferenças que não são poucas, mas o narrador as aproxima repetidas vezes, quando menciona, por exemplo, que sobre os dois lados está o mesmo céu, a mesma lua, quando repete um mesmo léxico nos dois lugares do romance, ou ainda quando um mesmo “motivo” se repete em contextos distintos. Assim, a amplidão das distâncias contracenava com seu encolhimento, e Israel e Tanzânia tão desiguais e distantes reduzem-se a uma aldeia global. Nessa aldeia, o narrador demarca uma linha analógica entre o derramamento de sangue no Oriente Médio e as lutas tribais, que dizimaram e dizimam famílias e povos inteiros na África e para exemplificar essa catástrofe está a negra do Sudão. Nesse mapa analógico, o semelhante é também diferente, como uma foto e seu negativo. O judeu e o não-judeu, o branco e o negro, dentro e fora, os opostos atravessam o romance, que se sustenta estruturalmente sobre a luz e as trevas, pondo em trânsito os pares anunciados no “dueto”, denominação que segue o título do romance e sugere um canto a duas vozes.

As luzes de Hanuká simbolizam a resistência do judaísmo, a alegria, a festa. São elas que marcam ironicamente os capítulos, pontuando o relato; já o outro da luz, a sombra, alude ao coração da África, ao negro, mas também ao caminho solitário em direção à subjetividade e ao auto-

¹² Êsh Iedidutit, op.cit., p.276.

¹³ Êsh Iedidutit, op. cit., p. 101.

conhecimento, impossível de se alcançar quando cada um repete o seu papel na sociedade e na família, sem questioná-lo. E assim também ocorre com a ideologia sionista posta em quarentena no romance.

Quando Daniela retorna, ainda impregnada da visita à África, nota a presença das velinhas de Hanuká em sua casa e pergunta por que o marido não as acendeu. Ele responde qualquer coisa, preferindo assistir ao programa da televisão. Ela convida-o para acenderem juntos a última velinha e cantarem as canções relacionadas à festa. Mas ele recusa o convite, não quer ouvir as canções da festa (assim como a filha recusara a ouvi-las do pai) criando impedimento para o dueto, o que pode ser positivo, pois é possível, a partir daí criar-se o espaço de cada um.

O romance começa e termina com elevadores com mal funcionamento, que uivam sem trégua e demandam concerto. A família Yaari ligada a esse ramo de negócios é a que deverá resolver o problema.

A senhora Dvora Bennet vive em Jerusalém e sua casa tem o elevador construído pelo antigo amante - YoelYaari, serviço antigo e assegurado até o final de suas vidas. Construído pelo velho com seus funcionários judeus, o elevador durou muito tempo, mas sofreu um desgaste natural. Era só fazer uma cápsula nova e o problema estaria resolvido.

Já o elevador projetado por Amotz que às três da madrugada uivava feito alma penada é mais difícil de se concertar. A responsabilidade do concerto é da firma, mas a mão de obra é estrangeira. Foi o trabalhador estrangeiro que deixou um buraco na torre do elevador, um buraco “que parece uma boca aberta” afirma o narrador, e através dele esse trabalhador devolve a hostilidade com a qual ele é tratado. Também aqui o tiro sai pela culatra, pois o atingido é o patrão que pensa que lucrou explorando o trabalho do estrangeiro que o boicota, mas terá que despender um capital extra para remediar o estrago.

Por outro lado, a verticalidade, o deslocamento do elevador na torre, sugere escavação, leitura arqueológica, conduzindo o leitor de um plano visível e próximo para outro invisível e mais distante. O mau funcionamento pode aludir às dificuldades de interação dos planos intertextuais que o romance manipula, realçando o colapso presente e um suporte manco do passado bíblico.

A exemplaridade de um comportamento típico baseado na leitura da Bíblia e na normatividade do judaísmo atuou durante séculos, colocando-se acima das vicissitudes da vida cotidiana. Também o Sionismo trouxe consigo uma forma paradigmática de existência, que alinhava um ideal comum e regulava a conduta dos israelenses. Hoje as tipologias religiosas e morais desmoronaram. A Bíblia ficou longe dos judeus em geral, dividindo os que são religiosos dos laicos, e o Sionismo está em crise. Abertos esses dois flancos, importa acima de tudo ser um vencedor globalizado. E, para vencer, nada melhor do que imitar os vitoriosos, quem quer que eles sejam.

O livro de Yehoshua acentua uma situação de impasse que o cidadão israelense terá que enfrentar. Ele terá que fazer opções e escolher as vozes que compõem e comporão o dueto da partitura nacional, ou decidir por sua inviabilidade.

Autora: Berta WALDMAN, Profa. Dra. Email: bwaldman@usp.br
Titulação: Professora Titular em Literatura hebraica e judaica
Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP
Departamento: Letras orientais: Língua e literatura hebraica